Teatro

CLOSER

DE PATRICK MARBER



PARQUE MAYER

Teatro Variedades

Texto
Patrick Marber

Encenação
Ricardo Neves-Neves

Tradução
Margarida Vale de Gato
e Ivo Canelas

Assistência de encenação
José Leite

Segundo assistente de encenação
Constança Paulo

Interpretação
Helena Caldeira, Ivo Canelas,
Sissi Martins e Vítor Silva Costa

Direção Musical
Rita Nunes

Músicos
Ana Carolina Rodrigues (violoncelo), Carolina Duarte (violino), Inês Nunes (viola), Juliana Mendonça (contrabaixo), Leonardo Guedes (violino), Mariana Godinho (cravo e teclado) e Rita Nunes (saxofone)

Produção e direção de cena TdE
Sílvia Moura

Cenografia
Stéphane Alberto

Assistência de cenografia
Alice Palma

Desenho de luz
Tasso Adamopoulos
Nuno Figueira

Sonoplastia
Sérgio Delgado

Desenho de som
Gonçalo Carlos

Fotografia e design gráfico
Renato Arroyo

Vídeo promocional
Fábio Rebelo

Design gráfico TdE
José Cruz

Fotografia de ensaio
Igor Regalla

Produção Culturproject
Nuno Pratas

Coprodução
Teatro do Eléctrico, Cineteatro Louletano e Culturproject

APOIO MEDIA

RTP antena 3

PRODUÇÃO

Teatro do Eléctrico

ESTRUTURA FINANCIADA

O TEATRO DO ELÉCTRICO É UMA ESTRUTURA APOIADA POR REPÚBLICA PORTUGUESA – CULTURA, JUVENTUDE E DESPORTO / DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES, PELO CINETEATRO LOULETANO/CÂMARA MUNICIPAL LOULÉ E PELA CÂMARA MUNICIPAL LISBOA.

CLOSER

Escrita pelo dramaturgo britânico Patrick Marber, *Closer* é uma das peças mais marcantes do teatro contemporâneo.

Quatro estranhos – Dan, Alice, Anna e Larry – cruzam-se em Londres e descobrem que o amor, a atração e a verdade raramente coexistem. Entre encontros, seduções e traições, revelam o lado mais cru da intimidade humana.

Um olhar afiado e desarmante sobre o desejo e a fragilidade de quem tenta amar num mundo onde tudo é visível — até o que gostaríamos de esconder.

Datas
12 de novembro
a 13 de dezembro de 2026
quarta a sexta, 21h
sábado, 16h e 21h
domingo, 16h

Classificação etária
M/16

Acessibilidade

Sessões com audiodescrição
27 de novembro, às 21h
e 29 de novembro, às 16h.

O reconhecimento de palco acontece uma hora antes do início da sessão.

"O GRANDE ÍMAN DESTE TEXTO É O ACASO."

Entrevista a Ricardo Neves-Neves



©Filipe Ferreira, EGEAC - Teatro Variedades & Capitólio

Closer, de Patrick Marber, estreou em Londres em 1997, e muitos conhecerão a história pelo filme de Mike Nichols, de 2004. Não é a primeira vez que o texto é encenado em Portugal. Porque quiseste pegar nele agora?

São várias coisas. Em primeiro lugar, o texto emociona-me muito, por isso começa por haver uma relação de leitor. Depois, enquanto leitor que faz espetáculos e trabalha textos, encontrei nele um grande potencial dramático, de jogo de cena, que é uma coisa que me interessa muito, às vezes até mais do que os próprios conteúdos.

Em Portugal, se não me engano, o texto já foi feito três vezes. Nós seremos a quarta encenação, se não houve mais. Quando pego em textos que já foram feitos, nunca é para os corrigir ou para apresentar um ponto de vista inovador. Gosto daquele texto e quero estar em contacto com ele durante uns meses: trabalhar a dramaturgia, reunir a equipa, pensar sobre todos os aspetos artísticos e estruturais e, por fim, os dois meses antes da estreia. É um texto que me interessa o suficiente para querer estar ligado a ele e que ele faça parte da minha vida e do meu dia a dia de trabalho durante um tempo. Depois conhecemos estas personagens, que têm encontros e desencontros amorosos.

O que mais te atrai nos encontros e desencontros amorosos destas personagens?

A ideia do acaso. Por acaso encontraram-se, por acaso apaixonaram-se, por acaso houve um dia em que olharam para o lado, estava lá outra pessoa, e a paixão transferiu-se para essa pessoa, tudo é feito sem grande planeamento, vai acontecendo. É surpreendente como a vida está ligada a pequenos acontecimentos que depois se transformam em relações gigantes, profundas, cheias de alegria e cheias de dor, como é o caso dos encontros entre estas personagens. Um dia olha-se para uma direção e não para a outra, e acontece qualquer coisa tremenda. Esse é o grande íman deste texto.

Quando tentamos trazer isto para a nossa vida, por um lado enche-nos de esperança, porque as coisas boas também podem acontecer por acaso. Por outro lado, a peça passa-se em quatro anos, e esses quatro anos seriam excecionais na vida de qualquer um de nós. Pensar que, por acaso, também podemos ficar com uma ferida na alma com aquela profundidade é um bocadinho assustador.

Closer junta-se a outros textos que tens vindo a escolher e que não são os mais óbvios no teu percurso. O que procuras neles?

Nos últimos anos, tenho encontrado uma certa atração por textos que não são os mais óbvios relativamente ao meu repertório habitual. Como encenador, não sei se vou fazer um trabalho bom ou mau, mas quero ter experiências um bocadinho diferentes. Tenho andado numa montanha-russa ultimamente: faço musicais e comédias, mas de há dois anos para cá também tenho escolhido outro tipo de repertório. Isto começou com _A Médica_. Depois fiz um Pinter com o Teatro Experimental de Cascais e agora também está em cena o _Cock_, da Força de Produção. Tem a ver com a vontade de passar por experiências por que ainda não tinha passado.

Referes-te a um lado lúdico do teatro que já tinhas mencionado quando trouxeste as primeiras peças ao Teatro Variedades, na reabertura, em 2024. Continua a ser essencial?

Nem sequer coloco a hipótese de fazer teatro sem o lado lúdico. Acho que não existe um texto que não abra, nem que seja um bocadinho, essa possibilidade. O teatro é jogo: entre atores, entre a cena e o encenador, entre os diferentes criativos, com a equipa técnica. E o jogo, quando não tem um ponto de brincadeira, passa a ser uma coisa muito aborrecida.

No ano passado, com _Definitivamente as Bahamas_, dizias-nos que procuras "a inocência do culpado". Em _Closer_, dois casais trocam de parceiro, e cada novo encontro é também uma perda para alguém. Estas personagens sabem o mal que fazem?

Aqui, a questão não tem tanto a ver com culpa. Tem mais a ver com a ideia de que a minha felicidade pode ser cruel para o outro. Está muito mais ligada à crueldade em contraponto com a felicidade, e as próprias personagens dizem-no. Há uma frase do Dan: "Vou deixar-te porque sou egoísta e porque acho que vou ser mais feliz com ela". Eles assumem que estão a causar sofrimento, mas colocam-se



©Filipe Ferreira, EGEAC - Teatro Variedades & Capitólio

sempre em primeiro lugar. Quando refletimos sobre isto, acabamos por perceber, não digo concordar, que a felicidade em casal, quando só um quer que aquilo avance, normalmente não dura muito. Cria-se um ambiente artificial.

Depois há o controlo. Todas as personagens querem controlar o seu ambiente e a sua relação. Mesmo que acabem por revelar a verdade, há sempre um ponto de mistério, de mentira, porque nem sempre a revelam logo a seguir às coisas acontecerem. Às vezes mantém-se uma mentira durante anos. Depois, finalmente, contam o que aconteceu nas costas do outro e é como se recomeçassem de espírito imaculado. Mas contar a verdade sobre o que foi mentira durante um ano não é isento de mácula.

Resume-se muito a isto: a crueldade, o controlo e o medo da dependência emocional. Quando nos entendemos como dependentes do outro, há um movimento para o repelir, quando amar também é cuidar e entregar. Mas existe sempre essa ideia de que ao amar também podemos ser fracos, e as personagens entram muito em contradição sobre isso.

A tradução de Margarida Vale de Gato e Ivo Canelas foi feita para este espetáculo. Que ajustes têm surgido no trabalho com os atores?

Ficámos muito contentes com a tradução. Foi um privilégio trabalhar com a Margarida Vale de Gato, que é extraordinária, tem traduzido grandes romances e é também poeta. Tenho uma grande admiração por ela. Desta vez, ela fez de propósito a tradução de *Closer* em parceria com o Ivo Canelas. Como o Ivo entra no espetáculo, acrescenta à tradução o ponto de vista da pessoa que vai dizer e lidar com aquelas palavras diariamente. Ou as vai dizer ou as vai ouvir.

Depois há a relação dos atores com a tradução. Às vezes, o importante não são as palavras em si, mas a clareza delas dentro do vocabulário de cada ator. Há uma expressão que ecoa dentro do ator com alguma estranheza, e eu pergunto-lhe como preferia dizer. Ele propõe outras palavras, eu olho para o Ivo, o Ivo dá o "OK" e tomamos nota para informar a Margarida. Até agora, as propostas têm sido aceites. Tem a ver com a palavra ficar ou não ficar bem na boca do ator, porque, no teatro, as palavras, escritas pelo autor ou pelo tradutor, são para ser ditas. E elas têm sempre de ser doces na boca do ator. Traduzir é ganhar e perder.

Como chegaste a este elenco, com Helena Caldeira, Ivo Canelas, Sissi Martins e Vítor Silva Costa?

A escolha foi feita com muito tempo de antecedência e começa por serem atores que eu admiro. Neste elenco, só tinha trabalhado com as mulheres. A Sissi já várias vezes. Com a Helena Caldeira, por exemplo, fiz *Alice no País das Maravilhas*. Com o Ivo e com o Vítor, já tinha andado à volta deles para outros espetáculos, mas os nossos calendários nunca coincidiram. Foi desta. São pessoas que admiro e em quem confio, por isso foi um elenco relativamente fácil e rápido de fazer. A Sissi disse-me logo que era a peça favorita dela, já tinha uma grande ligação e, na verdade, acho que o texto era familiar a todos, apesar do filme e a peça não serem exatamente iguais. Há inclusivamente duas cenas que temos no espetáculo e que não estão no filme.

Falaram-me de elementos de um labirinto na cenografia de Stéphane Alberto. Como chegaste a essa ideia?

O ponto de partida para o cenário foi a música. Comecei a pensar na banda sonora a partir da cena do *chat*, um *chat* para encontros de sexo, e lembrei-me de uma música de Vivaldi sobre uma relação entre um homem e uma mulher com um grande desencontro. Quis equilibrar o lado pornográfico do que é dito naquela cena com uma coisa lírica. A partir daí, pensei que a música do espetáculo podia passar pelo barroco. Como o texto tem a referência ao parque de Londres onde acontece a última cena, onde está a figura do Minotauro, pensei nos labirintos dos jardins barrocos. A coisa começou no barroco: o da música e o dos jardins. Chamo-lhe mais um jardim do que um labirinto, porque não temos dimensão no palco para fazer um labirinto a sério. É uma indicação simbólica. Tudo se passa nesse jardim: as cenas no quarto, no hospital, no restaurante, na rua, na exposição, no museu, mas a única cena que tem o cenário certo, ou seja, que se passa realmente num jardim, é a última. Os espaços em si são indicados pelas personagens e pela sonoplastia do Sérgio Delgado.

O Teatro do Eléctrico tem-te permitido experimentar textos muito diferentes. Foi com esse objetivo que criaste a companhia?

O Teatro do Eléctrico tem quase 20 anos e, quando foi criado, foi sobretudo para poder fazer teatro com amigos, quando não tínhamos trabalho nem possibilidade de fazer espetáculos noutros sítios. Eu tinha 21 anos, textos meus terminados e queria encenar, e foi nesse contexto que formalizámos a companhia. Ao longo dos anos, passou a ser a minha estrutura, o meu projeto de vida, porque me acompanha desde que me formei, desde que sou profissional. Quando tiver 120 anos, espero estar ainda a fazer teatro no Eléctrico.

Quanto ao repertório, gosto muito da ideia de a mesma companhia fazer espetáculos diferentes uns dos outros e de se perceber uma transformação à medida que o tempo passa, mas também de se identificar uma raiz que permanece. No Teatro do Eléctrico, essa raiz está muito ligada à música: a banda sonora tocada ao vivo e o trabalho em parceria com compositores, maestros, orquestradores e diretores musicais, que estão ao meu lado e me ajudam a criar as cenas. A música não é uma coisa a que se chega quando as cenas já estão construídas, do género "agora deixa lá ver que música meto aqui por baixo". Entra quase ao mesmo tempo que o texto, e um influencia o outro. O repertório transforma-se, e daqui a cinco anos as coisas podem mudar drasticamente, mas tem existido sempre esta relação muito próxima com a música, com a palavra falada e a palavra cantada. Desta vez, não temos palavra cantada, mas teremos música tocada ao vivo.

Porque é que a música é o ponto comum de tudo o que tens feito?

Tem muito a ver com gosto. Também gosto muito de uma plástica rica, mas, se tiver de optar, ponho a música em primeiro lugar. A música tem uma influência muito grande sobre as nossas emoções, às vezes até de manipulação, como no cinema. Nos ensaios, ainda trabalhamos com música gravada, mas as cenas transformam-se quando ponho a música em que estou a pensar, e os atores deixam-se influenciar por ela. Para mim, a música não é só o resultado final. É também um instrumento de trabalho para levar os atores ou a cena num determinado sentido.



©Filipe Ferreira, EGEAC - Teatro Variedades & Capitólio

Há uma coisa que acho linda: o nosso batimento cardíaco consegue muitas vezes sincronizar-se com a música. Se houver 200 pessoas numa discoteca, é muito provável que tenham o batimento cardíaco síncrono entre si, porque estão síncronas com a música. É um movimento cardíaco comunitário, uma coisa incrível. A música tem esse poder de união, não apenas no sentido cívico, mas de uma forma intuitiva e física. O meu primeiro contacto com as artes foi o piano, com o meu pai a ensinar-me, e depois andei numa escola de música em miúdo. Acho que começa por aí, por uma sensibilidade, uma inclinação.

O mundo, visto pelos teus olhos, tem sempre uma banda sonora?

Não sei se o mundo tem sempre uma banda sonora. Mas, quando estou a fazer um espetáculo e ainda não sei qual é a música, sinto-me completamente perdido. Mesmo que ainda não saiba as marcações ou o cenário, quando já sei que tipo de música o espetáculo pede, sinto-me muito mais orientado. É uma bússola: define os caminhos e limita as milhares de opções. A partir daí, é deixar a coisa levar-me. Há qualquer coisa em que não pensamos demasiado, mas que entendemos.

Tenho tentado seguir esse lado menos racional, as coisas que penso a partir de estímulos, seja da música, seja dos atores, seja das palavras.

Teatro Variedades & Capitólio

Direção
Filipe de Sousa e Silva
Joaquim René

Adjunta de Direção
Ana Barbosa

Direção de Comunicação
Rita Rodrigues

Direção de Produção
Bruno Reis

Direção Técnica e de Cena
João Moreira

Adjuntos para Direção Técnica e de Cena
Carlos La Rua
Rita Benito Monteiro

Comunicação
Margarida Rocha Oliveira
Mónica Martins

Produção
Tiago Antunes
Tiago Oliveira

Gestão de Bilheteiras e de Públicos
Sérgio Guimarães

Gestão de Públicos
Ana Sofia Fernandes
Diana Almeida
Joana Dias
Téo Pitella

Bilheteira
Ana Dias
Beatriz Lopes
Miguel Lopes

Guarda-Roupa
Inês Oliveira

Cena
Eliana Lima
João Veloso
Madalena Venâncio
Sara Cipriano

Luz/Palco
Bento Silva
Bruno Bacanhim
Daniel Polho
Hugo Cochat
Saulo Silva

Som/Vídeo
André Cavalheiro
Manuel Reis
Taís Cardoso

Manutenção e Segurança
Pedro Santos

Design
V-A Studio

Fotografia
Filipe Ferreira e José Frade

Vídeo
Duarte Lapa

Bilheteira
Horário: segunda a sábado
das 17h às 20h e domingo
das 13h às 16h

Em dias de espetáculo permanece aberta até 30 minutos após o seu início.

T. 210 523 631 / 210 523 632
bilheteira@teatrovariedades.pt
WhatsApp: 924 476 542

Como chegar
Metro: Linha Azul | Estação Avenida
Comboio: Linha Sintra e Linha Azambuja | Estação Restauradores
Autocarros: 709, 711, 732, 736, 744, 207, 19B
Gira: Estação 304
(junto ao Cinema São Jorge)

Acessibilidade
Para mais informações sobre a acessibilidade dos espaços, por favor, contacte o Teatro Variedades:
info@teatrovariedades.pt

Contactos
Geral: T. 210 523 630
info@teatrovariedades.pt
www.teatrovariedades-capitolio.pt

Localização
Parque Mayer, 1250-164 Lisboa

LISBOA
CULTURA